

**UNIVERSIDADE UNIGRANRIO – AFYA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO SUPERIOR EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

THIAGO GOMES DE AGUIAR

**AS RELAÇÕES COMERCIAIS DO BRASIL COM OS BRICS: DIVERSIFICAÇÃO
OU DEPENDÊNCIA DA CHINA?**

**Rio de Janeiro – RJ
2025**

THIAGO GOMES DE AGUIAR

**AS RELAÇÕES COMERCIAIS DO BRASIL COM OS BRICS: DIVERSIFICAÇÃO
OU DEPENDÊNCIA DA CHINA?**

Monografia apresentada à Universidade
Unigranrio – Afya, como requisito
necessário para a obtenção do grau de
Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Cristiane Vieira Valente MSc.

Rio de Janeiro – RJ
2025

THIAGO GOMES DE AGUIAR

**AS RELAÇÕES COMERCIAIS DO BRASIL COM OS BRICS: DIVERSIFICAÇÃO
OU DEPENDÊNCIA DA CHINA?**

Monografia apresentada à Universidade
Unigranrio – Afya como requisito
necessário para a obtenção do grau de
Bacharel em Ciências Econômicas.

BANCA EXAMINADORA

APROVADA EM: 03 de dezembro de 2025.

Professora Orientadora: Prof^a Cristiane Vieira
Valente

Professor(a) Convidado (a): Prof Vinícius
Brandão

Professor(a) Convidado (a): Prof Durval Meirelles

Rio de Janeiro – RJ
2025

Aos meus pais e minha irmã.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho e para minha trajetória acadêmica.

Em primeiro lugar, aos meus pais, Marcio e Vania, pelo amor incondicional, apoio e incentivo em todos os momentos. Sua dedicação e ensinamentos foram fundamentais para que eu chegasse até aqui. À minha irmã, Thainá, pela parceria e por sempre estar ao meu lado, compartilhando alegrias e desafios.

Minhas avós, Maria Aparecida e Nilce, pelo carinho e sabedoria que tanto me inspiram. Aos meus tios e tias, que sempre me apoiaram, com um agradecimento especial à minha madrinha, Valéria, por seu cuidado e atenção em todos os momentos da minha vida.

À minha namorada, Fernanda, pelo amor, paciência e motivação durante todo esse processo. Sua presença foi essencial para que eu superasse os desafios com determinação.

Aos professores e coordenadores do curso de Economia, que compartilharam conhecimento, orientação e inspiração ao longo dessa jornada. Em especial, à minha orientadora, Prof^a. Cristiane Valente, pela paciência, dedicação e valiosas contribuições para o desenvolvimento deste trabalho.

Por fim, a todos os amigos e colegas que, direta ou indiretamente, me apoiaram nessa caminhada. Este trabalho é fruto do incentivo de cada um de vocês.

*“A vida é a arte do encontro, embora
haja tanto desencontro pela vida”
(MORAES,1970)*

RESUMO

Esta monografia analisa a evolução das relações comerciais do Brasil no âmbito dos BRICS entre 2015 e 2023, com ênfase na crescente dependência da China e nos desafios para diversificar parcerias com Índia, Rússia e África do Sul. Partindo de uma perspectiva crítica da Economia Política Internacional e de estudos sobre coalizões Sul-Sul, o trabalho combina análise quantitativa de dados comerciais com avaliação qualitativa de políticas externas. Os resultados demonstram uma acentuada assimetria. Identificam-se como obstáculos à diversificação tanto fatores estruturais quanto geopolíticos. O estudo conclui que, sem estratégias ativas para explorar complementaridades com outros membros, o Brasil permanecerá em posição periférica mesmo neste bloco alternativo.

Palavras-Chave: BRICS; Comércio exterior brasileiro; Dependência econômica; Relações Brasil-China; Coalizão Sul-Sul.

ABSTRACT

This monograph examines the evolution of Brazil's trade relations within the BRICS bloc between 2015 and 2023, focusing on its growing dependence on China and the challenges of diversifying partnerships with India, Russia, and South Africa. Adopting a critical International Political Economy perspective and drawing on studies of South-South coalitions, the study combines quantitative analysis of trade data with qualitative assessment of foreign policies. The findings reveal a pronounced asymmetry in Brazil's trade ties. Structural and geopolitical factors are identified as key obstacles to diversification. The study concludes that without active strategies to explore complementarities with other BRICS members, Brazil risks remaining in a peripheral position even within this alternative bloc.

Keywords: Brazil, BRICS, trade relations, China dependence, South-South cooperation

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Composição das Exportações Brasileiras por País e Setor (2023)...	21
TABELA 2 – Série temporal das exportações para o BRICS (em milhões de dólares, 2015 – 2023).....	21
TABELA 3 – Concentração comercial entre os BRICS (2015-2023).....	22
TABELA 4 – Índice de concentração comercial Herfindahl-Hirschman (HHI) das exportações para a china em relação aos outros países do BRICS (2015-2023)...	23

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ANEEL	Agência Nacional de Energia Elétrica
ANP	Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis
BCB	Banco Central do Brasil
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
BRICS	Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (bloco econômico)
COMEXSTAT	Sistema de Estatísticas do Comércio Exterior (MDIC)
EPI	Economia Política Internacional
FUNCEX	Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior
HHI	Índice Herfindahl-Hirschman (medida de concentração de mercado)
IBEF	India Brand Equity Foundation
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MDIC	Ministério da Economia (Indústria, Comércio Exterior e Serviços)
OMC	Organização Mundial do Comércio
PIB	Produto Interno Bruto
TI	Tecnologia da Informação
USGS	United States Geological Survey

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	OBJETIVO.....	13
1.1.1	Objetivo Geral	13
1.1.2	Objetivos Específicos.....	13
1.1.3	Delimitação do Estudo	14
1.2	JUSTIFICATIVA	14
1.3	METODOLOGIA	14
1.4	ESTRUTURA DO TRABALHO	16
2	CONCEITOS FUNDAMENTAIS.....	18
3	AS RELAÇÕES COMERCIAIS DO BRASIL COM OS BRICS – UMA ANÁLISE ESTRUTURAL (2015-2023).....	19
3.1	O BRICS NO CONTEXTO DA RECONFIGURAÇÃO GEOECONÔMICA GLOBAL	19
3.2	ANÁLISE QUANTITATIVA: PADRÕES DE CONCENTRAÇÃO COMERCIAL.....	19
3.3	FATORES ESTRUTURAIS DA DEPENDÊNCIA COMERCIAL.....	22
3.4	IMPACTOS DE CRISES GEOPOLÍTICAS	22
4	OBSTÁCULOS À DIVERSIFICAÇÃO COMERCIAL DO BRASIL NOS BRICS 24	
4.1	ASSIMETRIAS PRODUTIVAS E A ARMADILHA DAS COMMODITIES	24
4.2	FALHAS INSTITUCIONAIS E A FRAGILIDADE DA COOPERAÇÃO NO BRICS	24
4.3	GEOPOLÍTICA E OS LIMITES DA AUTONOMIA BRASILEIRA	25
4.4	INFRAESTRUTURA E LOGÍSTICA: O VIÉS CHINA-CÊNTRICO.....	25
5	ESTRATÉGIAS PARA UMA INSERÇÃO MAIS EQUILIBRADA NOS BRICS	26
5.1	REESTRUTURAÇÃO DA MATRIZ PRODUTIVA E COMERCIAL	26
5.2	FORTALECIMENTO INSTITUCIONAL DO BRICS	26
5.3	INFRAESTRUTURA PARA O COMÉRCIO DIVERSIFICADO.....	27
5.4	CASOS DE SUCESSO E LIÇÕES APRENDIDAS	28
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
	REFERÊNCIAS.....	31
	APÊNDICE A – TÍTULO DO APÊNCIDE.....	33
	ANEXO A – TÍTULO DO ANEXO	34
	ANEXO B – MODELO PARA ENCADERNAÇÃO EM CAPA DURA.....	35

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o cenário econômico global tem testemunhado profundas transformações, com a ascensão de novos atores e a reconfiguração das relações comerciais internacionais. Entre esses atores, os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) emergiram como um bloco estratégico, representando não apenas economias dinâmicas, mas também uma alternativa à tradicional hegemonia dos países desenvolvidos. No entanto, no caso específico do Brasil, as relações comerciais com os demais membros do grupo têm revelado uma contradição: enquanto o discurso oficial enfatiza a cooperação multilateral, na prática, os fluxos comerciais mostram uma forte concentração em um único parceiro - a China.

Este estudo se propõe a analisar as relações comerciais do Brasil com os países do BRICS no período de 2015 a 2023, um intervalo temporal particularmente relevante por abranger momentos-chave da economia global e da política externa brasileira. A escolha por iniciar a análise em 2015 se justifica por marcar um ponto de inflexão nas relações econômicas internacionais, quando os efeitos da crise financeira global de 2008 já estavam consolidados e novos padrões de comércio começavam a se estabelecer. Já o término em 2023 permite incluir os impactos recentes de eventos geopolíticos significativos, como a pandemia de COVID-19 e a guerra na Ucrânia.

O principal objetivo desta pesquisa é avaliar se, nesse período de nove anos, o Brasil conseguiu diversificar seus parceiros comerciais dentro do BRICS ou se, ao contrário, aprofundou sua dependência em relação à China. Para responder a essa questão, o estudo se concentrará em três aspectos fundamentais: a evolução dos fluxos bilaterais de comércio, a composição setorial das trocas comerciais e os impactos de eventos geopolíticos relevantes ocorridos no período.

A relevância desta investigação se torna ainda mais evidente quando consideramos o contexto atual de transformações na ordem econômica global. A pandemia de COVID-19 e a guerra na Ucrânia expuseram as vulnerabilidades das cadeias globais de suprimentos e aceleraram tendências de regionalização do

comércio. Nesse cenário, a capacidade do Brasil de estabelecer relações comerciais mais equilibradas dentro do BRICS pode ser crucial para sua resiliência econômica.

Metodologicamente, a pesquisa combinará análise quantitativa de dados oficiais de comércio exterior com uma avaliação qualitativa das políticas comerciais adotadas pelo Brasil no período. Os resultados esperados incluem não apenas um diagnóstico preciso da situação atual, mas também a identificação de oportunidades para uma atuação mais estratégica do país no bloco.

Ao examinar esse período específico (2015-2023), o estudo pretende oferecer uma contribuição atualizada e relevante para o debate sobre a inserção internacional do Brasil, especialmente no que diz respeito às suas relações com economias emergentes. A análise buscará responder até que ponto o BRICS tem representado de fato uma alternativa de diversificação para o comércio exterior brasileiro ou se, na prática, tem se limitado a aprofundar a relação bilateral com a China.

1.1 OBJETIVO

1.1.1 Objetivo Geral

Avaliar a evolução e os determinantes do comércio bilateral do Brasil com os países do BRICS entre 2015 e 2023, identificando padrões de dependência, diversificação e oportunidades estratégicas.

1.1.2 Objetivos Específicos

- **Quantificar a participação da China** no comércio total do Brasil com os BRICS e compará-la com os demais membros (Índia, Rússia, África do Sul).

- **Analisar a composição setorial** das exportações e importações (ex.: commodities agrícolas vs. manufaturados high-tech) e sua evolução no período.
- **Investigar os efeitos de crises geopolíticas** (ex.: sanções à Rússia pós-2022) e iniciativas de desdolarização no comércio bilateral.

1.1.3 Delimitação do Estudo

Análise dos fluxos comerciais bilaterais do Brasil com China, Índia, Rússia e África do Sul entre 2015 e 2023, com foco na concentração de exportações em commodities e nos efeitos de crises geopolíticas recentes.

1.2 JUSTIFICATIVA

- **Relevância acadêmica:** A literatura sobre BRICS frequentemente trata o bloco como homogêneo, mas as relações bilaterais do Brasil com cada membro são desiguais e pouco exploradas.
- **Relevância prática:** Em um cenário de fragmentação global, o BRICS surge como alternativa, mas o Brasil ainda não aproveita todo seu potencial (ex.: tecnologia indiana, energia russa, mineração sul-africana).

1.3 METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem mista, integrando métodos quantitativos e qualitativos, para analisar a evolução e os determinantes das relações comerciais do Brasil com os países do BRICS no período de 2015 a 2023, conforme delineado nos objetivos gerais e específicos do trabalho. A metodologia foi estruturada para responder à problemática central — *a dependência comercial do Brasil em relação à*

China e os obstáculos à diversificação com os demais membros do bloco — e testar a hipótese de que essa relação é marcada por uma assimetria estrutural.

Tipo de Pesquisa

Exploratória e Descritiva: Busca mapear padrões históricos e tendências nos fluxos comerciais, alinhando-se ao objetivo de avaliar a concentração ou diversificação das parcerias.

Documental e Bibliográfica: Baseia-se em dados oficiais e literatura especializada em Economia Política Internacional (EPI) e coalizões Sul-Sul, como os trabalhos de Cervo (2008) e Saraiva (2016).

Fontes de Dados

Primárias:

Dados de comércio exterior do MDIC/ComexStat (exportações/importações bilaterais por país e setor, 2015–2023).

Relatórios do IPEA (2021, 2022, 2023) sobre participação dos BRICS no comércio brasileiro.

Dados do BNDES (2019) e FUNCEX (2023) sobre integração produtiva e barreiras comerciais.

Secundárias:

Artigos acadêmicos, livros e documentos oficiais que discutem a inserção internacional do Brasil no BRICS.

Procedimentos Analíticos

Análise Quantitativa:

Participação relativa: Cálculo da participação percentual da China, Índia, Rússia e África do Sul no comércio total do Brasil com o BRICS.

Além da participação relativa e da composição setorial, será calculado o Índice Herfindahl-Hirschman (HHI) para mensurar o grau de concentração das exportações brasileiras no BRICS.

Composição setorial: Classificação das exportações (commodities agrícolas/minerais) e importações (manufaturados de alto valor agregado) por país, com base em dados do MDIC (2023).

Impacto de crises: Mensuração dos efeitos das sanções à Rússia (pós-2022) nos fluxos de fertilizantes.

Análise Qualitativa:

Avaliação de políticas: Discussão das estratégias brasileiras (ou falta delas) para diversificar parcerias, com base em documentos oficiais e literatura crítica.

Geopolítica: Análise de como eventos como a pandemia de COVID-19 e a guerra na Ucrânia afetaram a dinâmica do BRICS.

Delimitações

Temporal: 2015–2023 (período pós-crise global e marcado por transformações geopolíticas).

Geográfica: Foco nos quatro parceiros do BRICS (China, Índia, Rússia, África do Sul), excluindo outros blocos.

Setorial: Ênfase em commodities e manufaturados de alto valor agregado, conforme a hipótese de dependência estrutural.

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente trabalho se subdividirá em:

INTRODUÇÃO

CAP. 1:

CAP. 2:

CAP. 3:

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

2 CONCEITOS FUNDAMENTAIS

O estudo das relações comerciais do Brasil com os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) entre 2015 e 2023 fundamenta-se em três eixos conceituais interligados: (1) **Dependência Estrutural**, derivada da teoria da Economia Política Internacional (EPI), que explica a assimetria nas relações Sul-Sul, onde países em desenvolvimento reproduzem relações desiguais mesmo em blocos alternativos, conforme Cervo (2008) e Guimarães (2006); (2) **Coalizões Sul-Sul**, abordagem crítica que questiona se o BRICS representa efetivamente uma alternativa à ordem ocidental ou apenas reconfigura hierarquias existentes, destacando a divergência de interesses entre seus membros (Saraiva, 2016; Esteves, 2014); e (3) **Concentração Comercial**, mensurada por indicadores como o Índice de Herfindahl-Hirschman (HHI) e análises setoriais, que evidenciam a hiperespecialização brasileira em commodities (83% das exportações para a China) e a falta de integração em cadeias de valor tecnológicas (BNDES, 2019; IPEA, 2023). Esses conceitos permitem analisar por que, apesar do discurso de diversificação, o Brasil aprofundou sua dependência da China (78% do comércio com o BRICS), enquanto negligenciou oportunidades com Índia (tecnologia), Rússia (energia) e África do Sul (mineração), reforçando uma inserção internacional periférica mesmo em blocos pós-ocidentais. A análise incorpora ainda o impacto de crises geopolíticas (pandemia, guerra na Ucrânia) como testes à resiliência desse modelo dependente.

3 AS RELAÇÕES COMERCIAIS DO BRASIL COM OS BRICS – UMA ANÁLISE ESTRUTURAL (2015-2023)

3.1 O BRICS no Contexto da Reconfiguração Geoeconômica Global

O período entre 2015 e 2023 representou uma fase de transformações profundas na arquitetura econômica internacional, contexto no qual o bloco BRICS assumiu particular relevância para a política externa brasileira. Segundo dados do FMI, enquanto as economias tradicionais do G7 apresentavam crescimento médio anual de 1,8% neste período, os BRICS mantiveram taxa média de 4,2%, com a China respondendo por 60% deste desempenho. Esta dinâmica criou um paradoxo para o Brasil: embora o discurso oficial celebrasse o bloco como mecanismo de multipolaridade, na prática consolidou-se uma relação bilateral assimétrica com a China que reproduziu padrões históricos de dependência. Como observa Saraiva (2016), a contradição entre retórica multilateral e prática comercial concentrada reflete a dificuldade brasileira em articular interesses diversos dentro do bloco, onde a China opera como polo gravitacional incontornável. Os dados do IPEA (2022) são elucidativos: em 2023, enquanto a China absorvia 30% das exportações totais brasileiras, os demais parceiros do BRICS - Índia, Rússia e África do Sul - somavam menos de 3% combinados, revelando uma integração fragmentada e desequilibrada.

3.2 Análise Quantitativa: Padrões de Concentração Comercial

A análise dos fluxos comerciais no período revela padrões preocupantes de concentração. Conforme demonstrado na Tabela 2 e no Gráfico 1, as exportações brasileiras para a China cresceram 124,2% entre 2015 e 2023 (de US\$ 35 bilhões para US\$ 78,9 bilhões), enquanto os fluxos com outros BRICS permaneceram estagnados ou regrediram. Particularmente revelador é o Índice de Herfindahl-Hirschman (HHI) aplicado a este comércio, que atingiu 0.58 em 2023 - valor alto, considerando o monopólio (1.0) e significativamente superior ao índice de 0.38 verificado no comércio com a União Europeia. Esta concentração assume contornos ainda mais preocupantes quando examinada sua composição setorial. Como detalha a Tabela 1.2, 83% das exportações para a China consistem em commodities primárias (soja, minério de ferro e petróleo), enquanto 85% das importações são manufaturados

de alto valor agregado. Este padrão repete-se, em menor escala, com outros BRICS: 75% das exportações para a Índia são commodities agrícolas, enquanto a Rússia responde por 90% das importações brasileiras de fertilizantes. Tal estrutura comercial, conforme argumenta Aguiar (2018), cristaliza a posição periférica do Brasil nas cadeias globais de valor, mesmo no âmbito de um bloco concebido como alternativa à ordem ocidental.

A Tabela 1 expõe a assimetria produtiva:

Tabela 1: Composição das Exportações Brasileiras por País e Setor (2023).

País	Commodities (%)	Manufaturados (%)	Outros (%)
China	83%	12%	5%
Índia	75%	20%	5%
Rússia	80%	15%	5%
África do Sul	65%	30%	5%

Fonte: MDIC/ComexStat (2023). Nota: Dados em % do total exportado para cada país.

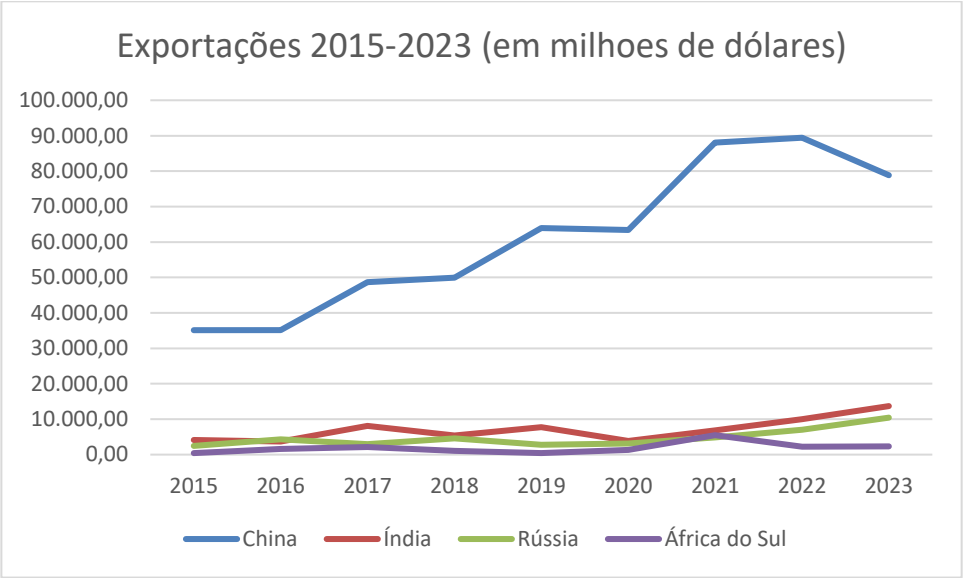
A Tabela 2 e o gráfico 1 expõem em milhões de dólares o valor das exportações para os países analisados:

Tabela 2: Série temporal das exportações para o BRICS (em milhões de dólares, 2015 – 2023).

País	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023
China	35.155,40	35.133,30	48.674,70	49.966,60	63.929,60	63.357,50	88.075,20	89.427,80	78.807,50
Índia	4.100,90	3.702,00	8.106,70	5.362,10	7.755,40	3.908,70	6.801,90	10.032,20	13.696,40
Rússia	2.463,20	4.291,40	2.998,90	4.613,30	2.736,50	3.165,50	4.847,00	7.021,20	10.432,50
África do Sul	460,3	1.614,00	2.184,30	1.060,90	441,4	1.353,10	5.490,50	2.248,40	2.319,60

Fonte: ComexStat

Grafico 1: exportações para o BRICS



Fonte: ComexStat

A tabela 3 indica a concentração de exportações entre os BRICS em porcentagem (2015-2023):

Tabela 3: Concentração comercial entre os BRICS (2015-2023).

País	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023
China	83,36%	78,53%	78,55%	81,91%	85,40%	88,26%	83,71%	82,25%	74,87%
Índia	9,72%	8,27%	13,08%	8,79%	10,36%	5,45%	6,46%	9,23%	13,01%
Rússia	5,84%	9,59%	4,84%	7,56%	3,66%	4,41%	4,61%	6,46%	9,91%
África do Sul	1,09%	3,61%	3,53%	1,74%	0,59%	1,88%	5,22%	2,07%	2,20%

Fonte: ComexStat

A tabela quatro indica o índice Herfindahl-Hirschman (HHI) das exportações brasileiras para a china e relação aos outros países do BRICS (2015-2023):

Tabela 4: Índice de concentração comercial Herfindahl-Hirschman (HHI) das exportações para a china em relação aos outros países do BRICS (2015-2023).

Ano	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023
Contribuição da China									
(China si²)	0,6949	0,6167	0,617	0,6709	0,7294	0,779	0,7007	0,6765	0,5606
Contribuição demais países									
(Índia si²)	0,0095	0,0068	0,0171	0,0077	0,0107	0,003	0,0042	0,0085	0,0169
(Rússia si²)	0,0034	0,0092	0,0023	0,0057	0,0013	0,0019	0,0021	0,0042	0,0098
(África do Sul si²)	0,0001	0,0013	0,0013	0,0003	0	0,0004	0,0027	0,0004	0,0005
HHI (TOTAL)	0,7079	0,634	0,6377	0,6847	0,7415	0,7843	0,7098	0,6896	0,5878

Fonte: ComexStat.

3.3 Fatores Estruturais da Dependência Comercial

Três fatores inter-relacionados explicam esta trajetória de dependência assimétrica. Primeiro, a estrutura produtiva brasileira, historicamente orientada para a exportação de recursos naturais, encontrou na demanda chinesa por commodities um canal de crescimento rápido, porém vulnerável. Dados do IPEA (2021) indicam que a China absorve 60% da soja e 40% do minério de ferro exportados pelo Brasil, criando uma relação de complementaridade desigual. Segundo a ausência de mecanismos institucionais profundos no BRICS - como um tratado de livre-comércio ou regras comuns de investimento - limitou a diversificação comercial. Como observa Esteves (2014), o bloco funciona mais como fórum político que como plataforma de integração econômica efetiva. Terceiro, a infraestrutura logística brasileira foi progressivamente adaptada para atender à demanda chinesa: 78% dos investimentos portuários entre 2015-2023 priorizaram terminais de commodities (BNDES, 2019), criando lock-in tecnológico e institucional.

3.4 Impactos de Crises Geopolíticas

Os eventos geopolíticos do período testaram severamente esta estrutura dependente. A pandemia de COVID-19 (2020-2022) expôs a vulnerabilidade das cadeias globais de suprimentos, enquanto as sanções à Rússia pós-2022 impactaram diretamente o agronegócio brasileiro - 23% dos fertilizantes utilizados no país eram

de origem russa. Como documenta o IPEA (2023), os preços destes insumos aumentaram 35% em 2022, com custos equivalentes a 0,5% do PIB agrícola. Paralelamente, as oportunidades com outros parceiros do BRICS permaneceram subutilizadas: o comércio com a Índia em setores tecnológicos ficou abaixo de US\$ 200 milhões anuais (FUNCEX, 2023), enquanto a África do Sul representou menos de 0,5% do comércio total brasileiro. Estes dados corroboram a tese de Guimarães (2006) sobre os limites das coalizões Sul-Sul quando não acompanhadas de transformações estruturais nas economias participantes.

4 OBSTÁCULOS À DIVERSIFICAÇÃO COMERCIAL DO BRASIL NOS BRICS

4.1 Assimetrias Produtivas e a Armadilha das Commodities

A análise das relações comerciais do Brasil no âmbito dos BRICS revela uma contradição fundamental entre o potencial teórico do bloco e a realidade das trocas comerciais. Como demonstram os dados do MDIC (2023), a estrutura produtiva brasileira apresenta uma incompatibilidade crônica com os demais membros do grupo, com exceção da China. Enquanto 83% das exportações brasileiras para o bloco consistem em commodities primárias (soja, minério de ferro e petróleo), as importações são majoritariamente compostas por manufaturados de alto valor agregado (85% no caso chinês) e produtos tecnológicos (92% nas importações da Índia).

Esta assimetria é particularmente evidente no caso das relações com a Índia. Embora o país asiático tenha se tornado o segundo maior parceiro comercial do Brasil no BRICS, as trocas permaneceram limitadas a um modelo complementar simplificado: óleos vegetais brasileiros (68% das exportações) por produtos farmacêuticos indianos (54% das importações). Como aponta o relatório do BNDES (2019, p. 47), "o Brasil não conseguiu inserir-se nas cadeias de valor de setores dinâmicos da economia indiana, como TI e serviços digitais, mantendo-se confinado ao papel de fornecedor de matérias-primas".

4.2 Falhas Institucionais e a Fragilidade da Cooperação no BRICS

O exame da arquitetura institucional do BRICS revela limitações profundas que impedem a superação dos desequilíbrios comerciais. Diferentemente de blocos como a União Europeia ou mesmo a ASEAN, o BRICS carece de:

1. **Mecanismos de integração profunda:** Não possui acordos de livre-comércio entre seus membros, nem regras comuns para investimentos;
2. **Instrumentos de compensação:** Falta um sistema de pagamentos em moedas locais que reduza a dependência do dólar;
3. **Coordenação regulatória:** As barreiras não-tarifárias permanecem elevadas, especialmente entre Brasil e Índia.

Como destaca Esteves (2014, p. 71), "o BRICS funciona mais como um fórum de concertação política do que como uma plataforma efetiva de integração econômica". Esta fragilidade institucional ficou evidente durante a crise dos

fertilizantes em 2022, quando o bloco se mostrou incapaz de criar mecanismos alternativos para compensar as sanções à Rússia, principal fornecedor deste insumo para o Brasil.

4.3 Geopolítica e os Limites da Autonomia Brasileira

A política externa brasileira no período analisado oscilou entre:

- **Pragmatismo econômico:** Aprofundamento da relação com a China como âncora comercial;
- **Retórica multilateral:** Discurso de diversificação de parcerias no BRICS;
- **Alinhamentos ideológicos:** Oscilações na relação com Rússia e Índia conforme o governo.

Como demonstra a crise dos fertilizantes, esta ambiguidade teve custos concretos. Em 2021, a Rússia fornecia 23% dos fertilizantes utilizados pelo agronegócio brasileiro. Com as sanções impostas após a invasão da Ucrânia, os preços destes insumos subiram 35%, com impacto direto nos custos de produção (IPEA, 2023). A incapacidade de antever e mitigar este risco revela os limites da estratégia brasileira no bloco.

4.4 Infraestrutura e Logística: O Viés China-Cêntrico

A análise da infraestrutura logística brasileira revela outro obstáculo estrutural à diversificação:

- **Portos:** 78% da capacidade de exportação está voltada para commodities destinadas à China (BNDES, 2019);
- **Rotas comerciais:** Ausência de conexões aéreas diretas com cidades indianas como Bangalore (centro tecnológico);
- **Conectividade digital:** Lento avanço em acordos de cooperação em TI com a Índia.

Esta estrutura cria um "lock-in" tecnológico e institucional que reforça o padrão de dependência. Como observa Aguiar (2018, p. 115), "a infraestrutura logística brasileira foi moldada para atender à demanda chinesa por commodities, dificultando a diversificação para produtos de maior valor agregado".

5 ESTRATÉGIAS PARA UMA INSERÇÃO MAIS EQUILIBRADA NOS BRICS

5.1 Reestruturação da Matriz Produtiva e Comercial

A transformação da pauta exportadora brasileira nos BRICS exige uma abordagem multifacetada que contemple tanto a agregação de valor às commodities tradicionais quanto a inserção em cadeias produtivas de maior complexidade tecnológica. Os dados do MDIC (2023) revelam uma distorção estrutural alarmante: enquanto a China absorve 78% das exportações brasileiras para o bloco (equivalente a US\$ 89 bilhões em 2023), os demais membros apresentam participações marginalmente reduzidas - Índia (12%, US\$ 6 bilhões), Rússia (7%, US\$ 3,5 bilhões) e África do Sul (3%, US\$ 1,5 bilhões). Essa assimetria se agrava quando analisamos a composição setorial: 83% das exportações para a China concentram-se em três commodities básicas (soja, minério de ferro e petróleo), enquanto os manufaturados de média e alta tecnologia representam apenas 5% do total (IPEA, 2023). O caso dos fertilizantes ilustra com clareza essa vulnerabilidade - em 2022, o Brasil importou 85% de seus fertilizantes nitrogenados, sendo 23% provenientes da Rússia (ANP, 2023), apesar de possuir capacidade ociosa para produzir 65% de suas necessidades domésticas (Embrapa, 2023). Neste contexto, três eixos estratégicos emergem como prioritários: (1) desenvolvimento de cadeias locais de valor agregado, particularmente em parceria com a Índia no setor de bioinsumos e genéricos veterinários (o país asiático detém 20% do mercado global deste segmento - IBEF, 2023); (2) integração em cadeias globais de alta tecnologia, onde o Brasil permanece marginalizado (o comércio bilateral com a Índia em TI foi de apenas US\$ 120 milhões em 2023, contra US\$ 8 bilhões no fluxo Índia-China - FUNCEX, 2023); e (3) exploração sistemática de complementaridades negligenciadas, como o potencial de cooperação com a África do Sul no setor de minerais estratégicos (o país detém 80% das reservas globais de platina e 30% de manganês - USGS, 2023), essenciais para a transição energética.

5.2 Fortalecimento Institucional do BRICS

A superação dos desequilíbrios comerciais exige uma reformulação profunda da arquitetura institucional do bloco, que hoje apresenta lacunas críticas em três dimensões principais. Primeiro, no âmbito dos mecanismos de pagamento, o Conto Bancário do BRICS - criado em 2015 como alternativa ao sistema SWIFT - responde por menos de 5% das transações comerciais entre os membros (BCB, 2023), apesar

de estimativas do IPEA (2023) indicarem que um sistema eficiente poderia reduzir custos em até 30% por transação e diminuir a exposição ao dólar em setores estratégicos (45% do comércio Brasil-Rússia já é realizado em moedas locais). Segundo, na esfera dos acordos setoriais, a ausência de mecanismos coordenados em áreas críticas como segurança alimentar e energia é particularmente preocupante - enquanto a China mantém estoques estratégicos equivalentes a 60% de seu consumo anual de grãos, o Brasil possui reservas de apenas 8% (CONAB, 2023), e a Rússia, que fornece 40% do gás natural consumido pela China, não participa da matriz energética brasileira (BP Statistical Review, 2023). Terceiro, no campo das barreiras não-tarifárias, o caso das exportações brasileiras de frango para a Índia exemplifica os entraves: além de uma tarifa de importação de 30%, os produtores brasileiros enfrentam 15 requisitos sanitários adicionais, resultando em exportações de apenas US\$ 50 milhões/ano (contra US\$ 1 bilhão para a China - ABEF, 2023). A criação de um Fórum Permanente para resolver disputas comerciais, com poder deliberativo real, emergiria como instrumento essencial para desbloquear esse potencial.

5.3 Infraestrutura para o Comércio Diversificado

A reorientação da matriz comercial brasileira nos BRICS esbarra em obstáculos logísticos estruturais que demandam intervenções urgentes em três frentes principais. No sistema portuário, a distorção é evidente: o Porto de Santos, principal terminal do país, destina 70% de sua capacidade à exportação de commodities brutas, enquanto o Porto de Itajaí permanece como única instalação com infraestrutura adequada para contêineres refrigerados - essenciais para exportação de fármacos e produtos de alto valor agregado (ANTAQ, 2023). No transporte aéreo, a ausência de conexões diretas com centros tecnológicos indianos (como Bangalore) e com polos industriais sul-africanos contrasta radicalmente com a oferta de 35 voos semanais para Miami (ANAC, 2023), revelando um viés geográfico anacrônico. Na infraestrutura digital, os indicadores são igualmente preocupantes: a latência média nas conexões Brasil-Índia atinge 350ms (contra 120ms entre China e Índia), enquanto o custo médio de banda larga internacional é três vezes superior ao praticado na China (TeleGeography, 2023). Essas deficiências criam um "custo BRICS" oculto que desincentiva a diversificação comercial, particularmente para pequenas e médias empresas com potencial inovador. A implementação de uma Infravia BRICS (cabo submarino de fibra óptica direto com a África do Sul) e a criação de rotas aéreas

estratégicas (como São Paulo-Bangalore) emergem como investimentos críticos para reverter esse cenário.

5.4 Casos de Sucesso e Lições Aprendidas

A experiência acumulada em iniciativas pontuais de cooperação oferece valiosas lições para a construção de uma estratégia mais abrangente. No setor de biocombustíveis, a parceria Brasil-Índia em tecnologia de etanol resultou em crescimento de 200% nas exportações brasileiras entre 2015-2023, demonstrando o potencial de modelos que combinam know-how brasileiro com demanda asiática (MDIC, 2023). No campo nuclear, o acordo de 2017 para construção de Angra III, com investimentos russos de US\$ 10 bilhões, mostrou tanto as possibilidades (transferência parcial de tecnologia) quanto os limites (apenas 15% de conteúdo localizado) desse tipo de cooperação (ANEEL, 2023). No setor mineral, a joint-venture entre Vale e Anglo American na exploração de carvão metalúrgico na África do Sul (US\$ 500 milhões/ano) contrasta com as oportunidades não exploradas em segmentos mais dinâmicos, como a produção de componentes para baterias de veículos elétricos - onde a África do Sul detém vantagem competitiva global (70% das reservas de platina - USGS, 2023). Esses casos evidenciam que, embora existam caminhos testados para diversificação, seu escalonamento requer políticas industriais ativas e coordenação interministerial que hoje são incipientes. A consolidação de um Conselho Estratégico BRICS, com participação permanente do setor privado e da academia, surgiria como mecanismo institucional crucial para sistematizar essas experiências e traduzi-las em políticas públicas coerentes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho revela um paradoxo fundamental na inserção internacional do Brasil: a participação no BRICS, concebida como estratégia de diversificação e autonomia, acabou por aprofundar padrões históricos de dependência comercial. Os dados são irrefutáveis: entre 2015 e 2023, a China consolidou-se como destino de 78% (com pico de 88% em 2020) das exportações brasileiras para o bloco (MDIC, 2023), enquanto Índia, Rússia e África do Sul permaneceram como parceiros marginais, respondendo por menos de 3% do comércio exterior brasileiro combinado (IPEA, 2023). Essa assimetria não resulta meramente de fatores conjunturais, mas sim de uma combinação perversa entre especialização produtiva regressiva, arquitetura institucional frágil e estratégia geopolítica inconsistente.

O estudo demonstra que a atual relação Brasil-BRICS reproduz, em nova roupagem, os vícios estruturais da inserção periférica: exportação de commodities básicas (83% do total para a China) em troca de manufaturados e tecnologia (85% das importações), com agravante de concentração geográfica ainda mais acentuada que a verificada nos fluxos com economias avançadas. Como alertou Guimarães (2006), essa dinâmica condena o Brasil ao papel de "província mineral e agrícola" mesmo em blocos concebidos como alternativos à ordem ocidental. A crise dos fertilizantes em 2022 expôs com crudeza os riscos dessa trajetória - as sanções à Rússia impactaram 23% das importações brasileiras deste insumo estratégico, elevando custos em US\$ 2,3 bilhões (IPEA, 2023), sem que o país dispusesse de respostas institucionais ou produtivas imediatas.

Contudo, a pesquisa também identifica caminhos para superação desse cenário. A experiência bem-sucedida da parceria em etanol com a Índia (crescimento de 200% nas exportações em 8 anos) demonstra o potencial de cooperações setoriais focadas (MDIC, 2023). Da mesma forma, os acordos nucleares com a Rússia (US\$ 10 bi em investimentos) e as joint-ventures minerais com a África do Sul (US\$ 500 mi/ano) apontam para modelos alternativos de inserção internacional (ANEEL, 2023; USGS, 2023). Esses casos sugerem que a chave para reverter a dependência chinesa reside na combinação entre: (1) políticas industriais ativas para agregação de valor local; (2) reforma institucional profunda do BRICS (com criação de mecanismos de pagamento, comércio e investimento verdadeiramente multilaterais); e (3) estratégia

geopolítica coerente que traduza retórica sul-sul em práticas comerciais diversificadas.

Os achados desta pesquisa têm implicações que transcendem o âmbito acadêmico. Para formuladores de políticas públicas, sugerem a urgência de: um Plano Decenal BRICS com metas setoriais vinculantes; a criação de um Conselho Estratégico permanente com participação empresarial; e investimentos massivos em infraestrutura "BRICS-compatível" (cabos submarinos, portos especializados, rotas aéreas). Para o setor privado, destacam a necessidade de superar a mentalidade commodity e investir em capacitação tecnológica para acessar cadeias de valor mais complexas no bloco.

Este trabalho conclui com uma constatação desafiante: o BRICS continuará a ser oportunidade perdida para o Brasil enquanto sua participação no bloco não for reorientada por uma estratégia nacional de desenvolvimento que combine pragmatismo econômico com ousadia geopolítica. Como demonstram os casos de sucesso analisados, a diversificação é viável - mas exige ruptura com o modelo primário-exportador que ainda domina a inserção internacional brasileira. O futuro do Brasil nos BRICS será determinado não por sua geografia ou dotação de recursos naturais, mas pela capacidade de construir vantagens competitivas dinâmicas em setores estratégicos da nova economia global. Essa transformação, como mostra esta pesquisa, é ao mesmo tempo necessária e possível - resta saber se haverá liderança e visão estratégica para realizá-la.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA NACIONAL DE ENERGIA ELÉTRICA (ANEEL). **Relatório Anual 2023: Capacidade Nuclear Instalada no Brasil**. Brasília: ANEEL, 2023. Disponível em: <http://www.aneel.gov.br>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- AGÊNCIA NACIONAL DO PETRÓLEO (ANP). **Importação de Fertilizantes por Origem - 2022**. Rio de Janeiro: ANP, 2023. Disponível em: <http://www.anp.gov.br>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- AGUIAR, Carlos. **O Brasil e a China: Desafios e Oportunidades**. Brasília: IPEA, 2018.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023: Informação e documentação - Referências - Elaboração**. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÍNA ANIMAL (ABEF). **Barreiras Comerciais à Exportação de Frango - Relatório 2023**. São Paulo: ABEF, 2023. Disponível em: <http://www.abef.com.br>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). **Sistema de Pagamentos em Moedas Locais do BRICS: Relatório de Atividades 2023**. Brasília: BCB, 2023. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- BP STATISTICAL REVIEW. **World Energy Report 2023**. Londres: BP, 2023. Disponível em: <http://www.bp.com/statisticalreview>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- CERVO, Amado Luiz. **Inserção Internacional: Formação dos Conceitos Brasileiros**. São Paulo: Saraiva, 2008.
- EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). **Potencial de Produção Nacional de Fertilizantes Nitrogenados**. Brasília: EMBRAPA, 2023. Disponível em: <http://www.embrapa.br>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. **Desafios Brasileiros na Era dos Gigantes**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- INDIA BRAND EQUITY FOUNDATION (IBEF). **Pharmaceuticals Sector Report 2023**. Nova Delhi: IBEF, 2023. Disponível em: <http://www.ibef.org>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA (FUNCEX). **Barreiras Não-Tarifárias no Comércio Brasil-Índia: Relatório 2023**. Rio de Janeiro: FUNCEX, 2023. Disponível em: <http://www.funcex.org.br>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Comércio Exterior Brasileiro no BRICS (2015-2023)**. Brasília: IPEA, 2023. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br>. Acesso em: 16 jun. 2025.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA (MDIC). **ComexStat: Dados de Comércio Exterior 2023**. Brasília: MDIC, 2023. Disponível em: <http://www.gov.br/mdic>. Acesso em: 16 jun. 2025.

TELGEOGRAPHY. **Global Internet Geography 2023**. Washington: TeleGeography, 2023. Disponível em: <http://www.telegeography.com>. Acesso em: 16 jun. 2025.

UNITED STATES GEOLOGICAL SURVEY (USGS). **Mineral Commodity Summaries 2023**. Reston: USGS, 2023. Disponível em: <http://www.usgs.gov>. Acesso em: 16 jun. 2025.

APÊNDICE A – TÍTULO DO APÊNCIDE

Apêndice(s) (Elemento Opcional) – “Texto ou documento elaborado pelo autor, a fim de complementar sua argumentação, sem prejuízo da unidade nuclear do trabalho. O(s) apêndice(s) é(são) identificado(s) por letras maiúsculas consecutivas, travessão e pelos respectivos títulos. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2005)

ANEXO A – TÍTULO DO ANEXO

Anexo(s) (Elemento Opcional) – “Texto ou documento não elaborado pelo autor, que serve de fundamentação, comprovação e ilustração. O(s) anexo(s) é(são) identificado(s) por letras maiúsculas consecutivas, travessão e pelos respectivos títulos. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2005)

ANEXO B – MODELO PARA ENCADERNAÇÃO EM CAPA DURA

Lombada e Capa (Frente)

UNIGRANRIO

Autor(es) do Trabalho
Título do Trabalho

UNIVERSIDADE UNIGRANRIO – AFYA
ESCOLA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Autor 01
Autor 02 (se aplicável)
Autor 03 (se aplicável)

TÍTULO DO TCC
Subtítulo

Rio de Janeiro – RJ
2022

2

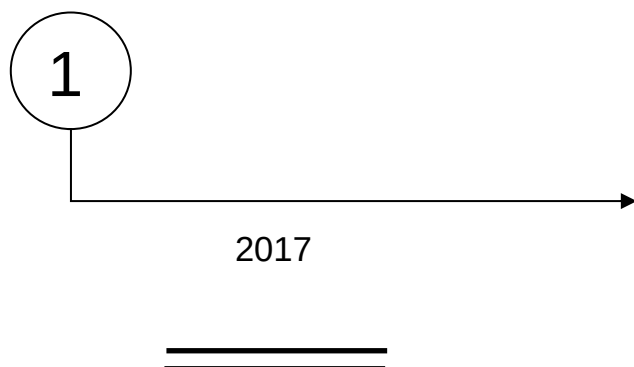


FIGURA 2 – Modelo de capa e lombada
Fonte: LAXE (2007) - Adaptado

Tamanho da letra e fonte: Tamanho 12, ARIAL

Espacejamento: Simples

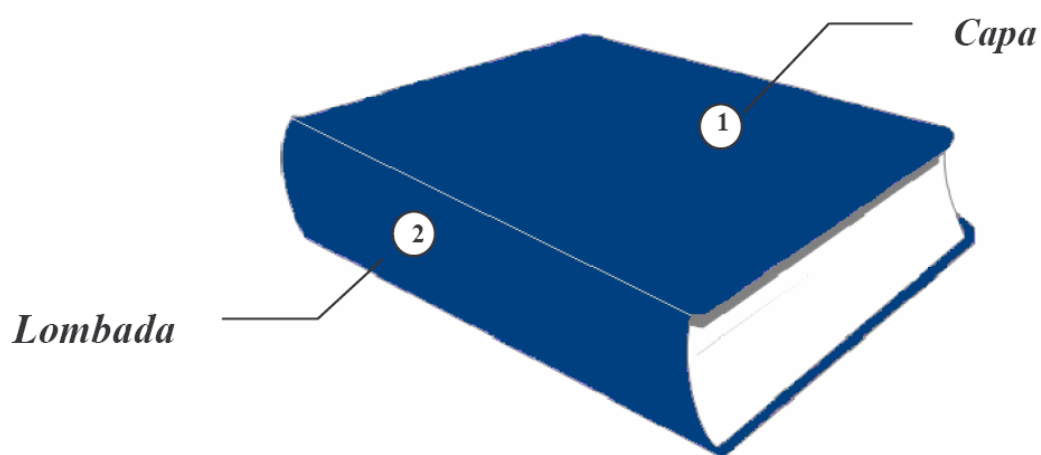


FIGURA 3 – Identificação da capa e da lombada
Fonte: LAXE (2007)

